

Robert Pirsig: Uma investigação sobre a moral

Responsável: Marisa Ortegoza da Cunha
marisa.ortegoza@bol.com.br

*Como se pinta um quadro perfeito?
É fácil.
Seja perfeito. E depois pinte, naturalmente.
(Robert Pirsig em
Zen e a arte da manutenção de motocicletas)*

Robert M. Pirsig escreveu apenas dois livros, separados por quase duas décadas: *Zen e a arte da manutenção de motocicletas* (1974), e *Lila* (1991). O livro *Zen...* consta no Guinness como o *bestseller* mais vezes recusado por editoras: foram 121 devoluções.

Os dois livros são autobiográficos e a leitura de *Lila* exige, para uma compreensão razoável, a leitura prévia do primeiro. As duas narrativas acompanham viagens realizadas pelo autor: de motocicleta, com o filho na garupa, e um casal amigo, pelo interior dos Estados Unidos, e de barco, percorrendo o rio Hudson, com uma estranha moça chamada Lila. Paralelamente ao que acontece durante as viagens, Pirsig relata fatos ocorridos com ele mesmo, num passado tumultuado, como sendo experiências de um personagem - Fedro. Curiosamente, em *Lila*, o autor tece, na voz de um personagem, uma severa crítica às ideias apresentadas no seu primeiro livro.

Pirsig nasceu em Minneapolis, Minnesota, em 6 de setembro de 1928. Foi uma criança prodígio e é considerado excepcionalmente inteligente - ingressou na Universidade aos 14 anos, para estudar bioquímica. Foi expulso aos 17 anos, reprovado por notas baixas. As causas oficiais foram imaturidade e desatenção nos estudos. O fato é que passou a questionar, não um método específico de pesquisa, mas o método científico em si. Estudando as verdades científicas, constatou que os períodos de vigência de cada hipótese variavam inversamente com a atividade

científica de cada época: quanto mais hipóteses havia a serem avaliadas, menor o tempo de vida da "verdade" científica alcançada. Alegando que a quantidade de hipóteses que podem ser consideradas na ciência é infinita, concluiu que o método científico condenava a própria ciência e nos distanciava da verdade em vez de nos aproximar dela. Essa visão o paralisou e o fracasso acadêmico foi inevitável.

Pirsig formou-se, mais tarde, em filosofia, que considerava ser o mais alto escalão de toda a hierarquia do conhecimento. Durante muitos anos morou na Índia, onde estudou filosofia oriental na Universidade Hindu, de Benares. Deve-se a essa estada, certamente, a enorme sintonia que suas ideias apresentam com algumas ideias filosóficas do Oriente. O título de seu primeiro livro é inspirado na obra *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*, do filósofo alemão Eugen Herrigel. Em ambos, uma mensagem clara é que *a jornada importa mais do que o destino*. Se cada passo for dado *da melhor maneira possível*, o objetivo será *naturalmente* alcançado.

Em Bozeman, Montana, enquanto era professor de Retórica e composição, Pirsig angustiou-se diante dos textos insípidos que os alunos produziam, e pensou numa estratégia ousada: não mais divulgar os resultados e, assim, incentivar os alunos a buscarem Qualidade nas suas composições, independentemente das notas. O livro relata a insegurança e as diversas reações dos alunos a essa medida, mas o foco é que a ideia de Qualidade - interpretada como valor, superioridade, virtude - passa a ser uma obsessão para o autor. Essa obsessão, aliada ao desgosto provocado pela enorme rejeição acadêmica que sua tese despertou nos seus pares, levaram-no a um período de depressão e alienação. Pirsig chegou a ser internado em clínicas psiquiátricas e submetido a tratamentos de eletrochoques. Fedro é ele, na fase anterior ao tratamento, a quem se refere na terceira pessoa.

Na busca de Fedro pela conceituação exata - e o papel a desempenhar na vida das pessoas - da Qualidade, muitas hipóteses são levantadas e exaustivamente analisadas. Era claro para ele que se tratava de algo que todos reconheciam e podiam identificar, de cuja falta todos nos ressentimos, mas que, no entanto, não conseguimos definir. Como, então, garantir sua existência?

Nesse percurso, o autor encontra apoio na escola filosófica chamada *realismo*, que afirma que a existência de algo pode ser comprovada se, o mundo, *sem esse algo*, não seria o mesmo.

Desde o início, Pirsig contrapõe Qualidade à divisão aristotélica sujeito/objeto. Ele defende que o distanciamento imposto por essa distinção nítida é responsável pela baixa qualidade do que observamos à nossa volta, da sensação de que "algo não vai bem" com a sociedade atual. É a fonte da nossa infelicidade e ausência de paz interior.

Pirsig/Fedro afirma que entre a ação de *ver* um objeto e realmente *percebê-lo*, há um lapso de tempo. Daí, o ver ocorre no presente, mas o objeto percebido já pertence ao passado. O que leva do *ver* ao *perceber* é um processo de intelectualização. Qualidade então seria a realidade pré-intelectual, o ponto de encontro entre sujeito e objeto.

A Qualidade não estaria na mente, nem na matéria, mas seria uma terceira entidade, independente de uma e de outra. A Qualidade não seria efeito, mas *causa* dos sujeitos e dos objetos. Para sustentar esse argumento, Pirsig afirma que na Física: "se uma coisa não pode ser distinguida de nenhuma outra, ela não existe". Por outro lado, A Metafísica da Qualidade propõe que: "se uma coisa não tem valor, não pode ser distinguida de nenhuma outra". Logo, conclui que ***uma coisa que não tem valor não existe***. Ou seja, *a coisa não criou o valor; o valor criou a coisa*.

Mais à frente, confrontando suas ideias com as expostas no Tao Te King, o autor identifica Qualidade com o próprio Tao. E, ao estudar os filósofos pré-socráticos, e se deparar com o conceito grego de *aretê*, no sentido de *superioridade em tudo*, conclui que a Qualidade realiza a comunhão entre a filosofia oriental e os valores gregos, berço da cultura ocidental.

Pirsig/Fedro busca anular a separação entre religião, artes e ciência, vendo no conceito de Qualidade o ponto de união entre as três áreas. E sob a luz do zen-budismo, identifica a Qualidade com o *cuidado* ao fazer. Em tudo. E com o *dever consigo mesmo*.

Esse cuidado ao fazer aparece, no livro, no tratamento que o autor dá à motocicleta. Sua preocupação em perceber a ocorrência de qualquer problema, por menor que seja, e resolvê-lo da melhor maneira possível. Ele afirma: *o Buda, a Divindade, mora tão confortavelmente nos circuitos de um computador digital ou nas engrenagens de uma transmissão de motocicleta quanto no pico de uma montanha ou nas pétalas de uma flor. Pensar de outra maneira é aviltar o Buda - o que significa aviltar a si mesmo*. (p.24.) O cuidado é uma *identificação com aquilo que se faz*. (p. 282)

No seu segundo livro, o autor é dono de um barco (atualmente, Pirsig vive percorrendo o mundo, a bordo de um barco), no qual desce o rio Hudson. Seu destino não fica claro. Encontra uma mulher - Lila - num bar, que segue viagem com ele até Manhattan. A presença de Lila no barco suscita uma série de reflexões que o levam a explicitar sua Metafísica da Qualidade - um mapeamento dos códigos morais contemporâneos.

Pirsig defende que o sistema de moral vigente no ocidente peca por se basear numa Metafísica de sujeitos e objetos. Mente e matéria nitidamente separados. Propõe, então, o que chama de Metafísica da Qualidade, admitindo duas modalidades de Qualidade: a estática e a dinâmica. Os padrões estáticos de Qualidade estão divididos em 4 sistemas: inorgânicos, biológicos, sociais e intelectuais. Esses sistemas seriam globalizadores, mas não excludentes. Eles esgotariam tudo o que há, EXCETO o que Pirsig chama de Qualidade Dinâmica: o próprio processo de evolução do valor, passível de ser realizado apenas por seres vivos.

Assim como haveria diferentes padrões morais estáticos (por exemplo, o valor que mantém coeso um copo de água seria de padrão inorgânico, enquanto que o valor que mantém coesa uma nação seria de padrão social), também haveria diferentes sistemas morais (Qualidade dinâmica), cada um possibilitando o triunfo dos padrões de um determinado nível sobre os de outros, de nível evolutivo inferior.

Segundo o autor, a metafísica baseada em sujeitos e objetos admite apenas um sistema moral: o sócio-biológico, que admite a superioridade do social em relação ao biológico, ignorando os níveis extremos de evolução - o inorgânico e o intelectual.

A existência de múltiplos sistemas de moralidade possibilitaria resolver conflitos morais, pela observação da precedência entre os sujeitos envolvidos. Apresenta exemplos, como a proibição hindu de sacrificar as vacas para consumo, do vegetarianismo, e da validade ou não da pena de morte.

A jornada, em cada livro, é bastante longa. Em ambos, o destino a se chegar é o que menos importa. E os finais são otimistas. Em Zen, o fantasma de Fedro - e o medo latente que o autor apresenta de uma possível recaída - são enfrentados e perdem seu caráter ameaçador. Em Lila, a conclusão é que, se for preciso reduzir o objeto de que trata a Metafísica da Qualidade a uma única palavra, esta seria, simplesmente, BOM.

O substantivo bom.

Bibliografia

- Herrigel, Eugen. *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. São Paulo: Editora pensamento, 1983.
- Pirsig, Robert M. *Zen e a arte da manutenção de motocicletas - uma investigação sobre valores*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A. 11 ed., 1997.
- _____. *Lila - uma investigação sobre a moral*. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda., 1993